# A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO: QUANDO AS CRENÇAS MOBILIZAM AS AÇÕES

As crenças que mobilizam os professores em relação ao ensino estão ligadas no contexto social e, também, à sua formação inicial. O professor Dr. Adelmo Silva (2009) observa “que as crenças dos professores sobre o ensino podem variar em virtude do conteúdo, da sala de aula, do contexto histórico, da formação inicial ou continuada”. Ele cita que:

É importante destacar que, ao se discutir as diferenças entre crenças e conhecimentos, deve ficar nítido que o conhecimento exige um caráter mais objetivo do próprio conhecimento, enquanto as crenças, mais subjetivo, temporal, histórico e cultural. O conhecimento deve obedecer às leis da evidência e rigorosidade, enquanto as crenças são muitas vezes tidas ou justificadas por razões que não obedecem a tais critérios. O que não se pode perder de vista é que a atuação dos professores é dirigida pelos seus pensamentos, juízos, crenças, concepções e teorias implícitas (SILVA, 2009, p. 29).

Assim sendo, as crenças são conhecimentos do senso comum e generalizações que o professores tem tanto a seu respeito como a respeito dos alunos e não tem cientificidade. São condições que se acredita serem certas, e mobilizam assim a prática dos professores, diante daquilo que acreditam ser verdade , muitas vezes causando prejuízo no ensino, ou seja, tratam uma situação como sendo verdade absoluta sem procurar outras formas de resolve-la.

De acordo com Silva (2009) as crenças são verdades pessoais e têm valores avaliativos muito fortes derivadas de experiências ou fantasias trazendo em si componentes afetivos.

Para o autor conhecimento “é entendido como uma rede ampla de conceitos, imagens e habilidades inteligentes que os seres humanos possuem. As concepçõessão marcos organizativos que servem de suporte aos conceitos e que têm essencialmente uma natureza dedutiva. E aponta que: concepções e crenças são partes do conhecimento que:

[...] às vezes, algumas crenças são inferidas de outras. Ademais as crenças de um sujeito não são isoladas umas das outras, mas relacionadas, formando um sistema de crenças. A estrutura dos sistemas de crenças dá lugar a diversos graus de consistência e de estabilidade, o que permite explicar tanto comportamentos e práticas contraditórias como resistências à mudança. As crenças de um indivíduo regulam sua estrutura de conhecimento, afetam as práticas e seu pensamento, atuando por vezes como uma força inerte. As práticas, por sua vez, configuram, modificam ou consolidam suas crenças (SILVA, 2009, p. 30).

Silva fundamentado nos trabalhos Vila e Callejo (2006) apontam três diferentes tipos de crenças: crenças descritivas; crenças inferenciais e crenças informativas. As crenças descritivas surgem a partir do contato com o objeto, observação direta e da experiência, exercendo influência sobre a prática. Crenças inferenciais surgem nas relações e tem suas bases nas crenças descritivas. Já as crenças descritivas segundo o autor têm origem em informações do exterior, de outros sujeitos do contexto social. Comenta o autor que:

Os sistemas de crenças possuem uma natureza dinâmica: sofrem modificações e reestruturações à medida que os indivíduos confrontam as suas crenças com as suas experiências. Essa vertente adquire um papel mais significativo para o desenvolvimento da prática educativa, pois se pode visualizar uma reflexão sobre as “certezas” implícitas nas crenças. Esta confrontação, normalmente, acontece com mais ênfase nos momentos de formação continuada dos professores, quando eles discutem suas práticas, as aprendizagens dos alunos, os métodos utilizados no processo de ensino. Ou, ainda, em momentos de reflexão individual sobre a ação, a auto-reflexão, consciente e deliberada (SILVA, 2009, p. 31).

Diante disso as crenças se modificam durante a vida conforme as experiências adquiridas e vividas na prática do professor em sala de aula, também com experiências trocadas com seus pares no contexto social vigente e na sua reflexão sobre a prática. A esse respeito podemos entender a crença na prática do professor como sendo ela modeladora no pensamento do professor influenciando assim sua prática docente.

Adorno (1995) expõe que existe certo tabu sobre o magistério, ele explica que existe aversão a profissão de professor, e que eles sentem seu futuro como professor como certa imposição ou falta de alternativa melhor. Para ele o principal motivo desta antipatia e o de relacionar a imagem do magistério como uma profissão de fome. Relata que:

Tabus significam a meu ver, representações inconscientes ou pré-conscientes dos eventuais candidatos ao magistério, mas também de outros, principalmente das próprias crianças, que vinculam esta profissão como uma interdição psíquica que submete a dificuldades raramente esclarecidas. Portanto utilizo o conceito de tabu de um modo relativamente rigoroso, no sentido da sedimentação coletiva de representações que, de um modo semelhante àquelas referentes à economia, já mencionadas, em grande parte perderam sua base real, mais duradouramente até do que as econômicas, conservando-se, porém com muita tenacidade como preconceitos psicológicos e sociais, que por sua vez retroagem sobre a realidade convertendo-se em forças reais (ADORNO, 1995, p. 98).

Comparada a outras profissões Adorno (1995) alega que o magistério transmite uma falta de seriedade, além de valorizarem outras profissões de maior prestigio como a Jurisprudência, Medicina entre outras. Para ele professor universitário tem maior prestígio do que professores do ensino fundamental e médio causando assim uma ambivalência e remete a algo mais profundo. O autor alega ainda que existe uma certa discrepância entre a posição material do docente e a sua exigência de *status* e poder, que deveriam lhe corresponder conforme prega a ideologia vigente:

Esta discrepância não deixa de afetar o espírito. Schopenhauer atentou para essa situação no que se refere aos docentes universitários. Acreditava que o comportamento subalterno que constatava neles há mais de cem anos relacionava-se a seus péssimos salários (ADORNO, 1995, p.101).

A questão disciplinar é a questão central. Adorno fala que por trás da imagem negativa do professor encontra-se o homem que castiga. Mesmo após o fim dos castigos físicos nas escolas, o professor carrega ainda este tabu daquele que é fisicamente mais forte e tem a vantagem de saber mais que o aluno. A esse respeito

A minha hipótese é que a imagem de “responsável por castigos” determina a imagem do professor muito além das práticas dos castigos físicos escolares. Se eu tivesse que orientar investigações empíricas acerca do conjunto complexo do professor, então esta seria a primeira a me interessar. Ainda que em termos bastante brandos, repete-se na imagem do professor algo da imagem tão afetivamente carregada do carrasco (ADORNO, 1995, p.107).

A disciplina escolar pode ser entendida como uma técnica de exercício de poder, ou ainda como um controle do individuo no tempo, porém aplicar este controle é muito perigoso, visto que os alunos são indisciplinados, mas que comportamentos podem ser considerados como indisciplina? Ela pode estar ligada a diversos fatores como: o relacionamento do professor com aluno em sala de aula; a questões sociais, família dos alunos e outros alheios ao contexto escolar. Nesta visão Aquino (1996) ressalta que:

Há muito os distúrbios disciplinares deixaram de ser um evento esporádico e particular no cotidiano das escolas brasileiras para se tornarem, talvez, um dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais. Claro está que, salvo o enfrentamento isolado e personalizado de alguns, a maioria dos educadores não sabe ao certo como interpretar e/ou administrar o ato indisciplinado. Compreender ou reprimir? Encaminhar ou ignorar? (AQUINO, 1996, p.7).

Para La Taille (1996) o tema é ao mesmo tempo delicado e perigoso, pois o que é disciplina? E o que é a sua negação, indisciplina. Podemos entender a disciplina como regras a serem seguidas e a indisciplina o não cumprimento delas. O autor explica que se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas a indisciplina poderá se traduzir em : 1º) a revolta contra as normas 2°) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma falta de obediência insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações. Alega ainda que:

Aproveito para dizer que, hoje, o segundo caso parece-me valer. Estamos longe de contexto como aquele escolhido pelo filme *Sociedade dos poetas Mortos*, em que é retratada uma revolta discente. Hoje o cinismo (negação de todo valor e, logo, de qualquer regra) explica melhor os desarranjos das salas de aula. Anteontem, o professor falava a alunos dispostos a acatar; ontem, a certos alunos (pré) dispostos a discordar e propor; hoje, tem auditório de surdos (LA TAILLE, 1996, p. 10).

Ao iniciar sua vida escolar a criança vai começar um processo de socialização, e na escola vai deparar-se com uma organização e regras que para ela é desconhecida e que serão interiorizadas e cumpridas a fim de proporcionar uma relação de convivência. Entretanto nem todos os alunos se comportam conforme as regras estabelecidas, sendo seu comportamento visto como indisciplinado. Desse modo, a escola não conseguindo fazer com que todos os alunos comportem-se iguais cria situações de indisciplina.

Nesta visão La Taille (1996) explica que disciplina é bom, porque sem ela há poucas chances de se levar um bom processo de aprendizagem. Porém a que preço? Alega o autor que:

A rigor, a disciplina em sala de aula pode equivaler à simples boa educação: possuir alguns modos de comportamento que permitam o convívio pacífico. Pura aparência, portanto, da qual não se procuram os motivos. O aluno bem-comportado pode sê-lo por medo do castigo, por conformismo. Pouco importa: seu comportamento é tranqüilo. Ele é disciplinado. Isto é desejável? (LA TAILLE, 1996, p. 10).

Diante disso, podemos perceber que para a escola o aluno ideal é aquele que, comporta-se conforme suas regras, independente de como ele se sinta o importante é se enquadrar no modelo que ela acha ideal, e o indisciplinado e o contrário é aquele que não se enquadra no que a escola acha ideal de comportamento. A respeito disso, Lajonquière aborda que:

O aluno disciplinado é aquele que se encaixa no molde de uma criança ideal, é o disciplinado é o contrário, aquele cuja imagem aparece institucionalmente fora do foco. Como sabemos ao primeiro se reserva tudo; ao segundo, seu reverso narcísico – o império arbitrário da quase lei da (psico) pedagogia hegemônica. (LAJONQUIÈRE, 1996, p.31)

La Taille (1996), aponta que toda moral pede disciplina, porém nem toda disciplina é moral. O autor explica que a questão da indisciplina pela dimensão da moralidade é que nem sempre o ato indisciplina é imoral, temos que ter cuidado em condenar a indisciplina sem ter examinado a razão de ser das normas impostas e dos comportamentos esperados. Não podemos exigir as mesmas condutas de alunos em faixas etárias diferentes. A esse respeito La Taille afirma:

Portanto, ao abordar a questão da indisciplina pela dimensão da moralidade, não estou pensando que toda indisciplina seja condenável moralmente falando, nem que o aluno que segue as normas escolares de comportamento seja necessariamente um amante das virtudes (pode ser simplesmente movido pelo medo de castigou achar se mais “lucrativo” Não enfrentar os professores e bedéis). Mais ainda, certos atos de indisciplina podem ser genuinamente morais: por exemplo, quando um aluno é humilhado, injustiçado e se revolta contra as autoridades que o vitimizam. Portanto, tenhamos cuidado em condenar a indisciplina sem ter examinado a razão de ser das normas impostas e dos comportamentos esperados (e sem, também termos pensado na idade dos alunos: não se pode exigir as mesmas condutas e compreensão de crianças de 8 anos e de adolescentes de 13 ou 14) (LA TAILLE, 1996, p.20).

Para o autor existe um vinculo entre disciplina em sala de aula e moral. Ele aborda dois aspectos: primeiro que tanto a disciplina como a moral colocam o problema da relação com individuo com um conjunto de normas, segundo os atos indisciplinares traduzem-se pelo desrespeito, com colegas, professores ou com a própria instituição. Para ele são esses aspectos dos alunos que mais preocupam os professores deixando-os com medo da docência, cita que:

É certamente este aspecto desrespeitoso de certos comportamentos discentes que preocupa no mais alto grau os educadores. Muitos têm medo de entrar na sala de aula, Não apenas por temerem não ter êxito na tarefa de ensinar, mas, sobretudo por não saberem se receberão tratamento digno por parte de seus alunos. A indisciplina é freqüentemente sentida como humilhante (LA TAILLE, 1996, p.20).

A escola, no sentido mais amplo tem sua função social de humanização do homem, e estaria a serviço da apropriação dos conhecimentos acumulados pela humanidade, e também estaria a serviço da profissionalização e qualificação para o mercado de trabalho. Nesta visão podemos entender que a educação é um processo complexo, marcados por profundas contradições e por processos coletivos. Para Aquino:

Alguns mais zelosos de suas funções, não tardariam a responder que o papel essencial da escolarização é atender a dimensão imediatamente epistêmica do ensino, isto é, a escola estaria a serviço da apropriação, por parte da criança e do adolescente, dos conhecimentos acumulados pela Humanidade. Outros se remeteriam a uma dimensão *socializante* da escola, definindo-a como ensaio, preparação do jovem cidadão para o convívio em grupo e em sociedade. Outros, ainda, lembrariam a dimensão *profissionalizante* da educação, assegurando-lhe a tarefa de qualificação para o trabalho (AQUINO, 1996 p.39).

Para o autor esta tríade está atribuída à escola historicamente, e não é possível passar pelos eventos de indisciplina sem nos espantar. Os relatos dos professores afirmam que a questão disciplinar, é atualmente uma das maiores dificuldades para o trabalho escolar e não está relacionada a contexto social ela acontece em todas as escolas tanto públicas como privadas. Nesse aspecto Aquino relata que:

A indisciplina seria talvez o inimigo número um do educador atual, cujo manejo as correntes teóricas não conseguiriam propor de imediato, uma vez que se trata de algo que ultrapassa o âmbito estritamente didático-pedagógico, imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teorias pedagógicas. È certo, pois que a temática disciplinar passou a se configurar enquanto um problema interdisciplinar, transversal à Pedagogia, devendo ser tratado pelo maior número de áreas em torno das ciências da educação. Um novo problema que pede passagem (AQUINO, 1996, p. 40-41).

Aquino aborda ainda que se admitirmos que as práticas escolares são testemunhas de mudanças históricas do contexto social e cultural e que vem ao longo dos anos transformando-se precisamos refletir na indisciplina nos dias atuais , pois a tempos atrás a disciplinas nos colégios eram mantidas na base dos castigos e punições , na qual o professor era superior hierárquico que sabia mais, uma espécie de militar, ou seja as relações pedagógicas eram determinas em termos de obediência . Para o autor:

Também é possível deduzir que a estrutura e o funcionamento escolares de então espelhavam o quartel, a caserna: e o professor um superior hierárquico. Uma espécie de militarização difusa parecia assim definir as relações institucionais como um todo (AQUINO,1996,p.43).

Seguindo o autor ainda

É presumível, portanto, que as relações escolares fossem determinadas em termos de obediência e subordinação. O professor não era só aquele que sabia mais, mas que podia mais porque estava mais próximo da lei, afiliado a ela. Sua função precípua, então passa a ser a de moldar moralmente os alunos, além de assegurar a observância dos preceitos legais mais amplos, aos quais os deveres escolares estavam submetidos (AQUINO, 1996, p.43).

Considerando a desmilitarização do país e com advento da democratização, o contexto social mudou as pessoas mudaram o alunos são outros e a escola tem que seguir estas mudanças, não buscando o saudosismo de outrora , idealizando alunos ou até mesmo com padrões pedagógicos de outros tempos, mais sim perceber que os sujeitos que se apresentam são outros. Pois ela abriu as portas para receber sujeitos históricos com outras demandas e valores. Aquino indica que:

Ora, com a crescente democratização política do país e, em tese, a desmilitarização das relações sociais, uma nova geração se criou. Temos diante de nós um novo aluno, um novo sujeito histórico, mas, em certa medida, guardamos como padrão pedagógico a imagem daquele aluno submisso e temeroso. De mais a mais, ambos, professor e aluno, portavam papéis e perfis muito bem delineados: o primeiro, um general de papel; o segundo um soldadinho de chumbo (AQUINO, 1996, p.43).

Neste sentido Aquino aponta que os parâmetros que regem a escolarização são regidos por sujeitos abstratos e desenraizados do contexto sócio-histórico, as teorias em geral, sacralizam a naturalidade com que o sujeito é pensado, ou seja, como se fossem todos iguais em essência e possibilidades. A partir disso a escola trabalha em cima de um sujeito idealizado, alegando que o ensino público teria decaído, pois se expandiu a todas as camadas sociais, esquecendo que a educação é um direito de todos e um dever do estado.

A indisciplina pode estar indicando um novo impacto no ingresso de um novo sujeito histórico com outras demandas e valores.

Nesse sentido, a gênese da indisciplina não residiria na figura do aluno, mas na rejeição operada por esta escola incapaz de administrar as novas formas de existência social concreta, personificadas nas transformações do perfil de sua clientela (AQUINO, 1996, p.45).

Para Aquino a indisciplina, seria um sintoma de injunção da escola idealizada e gerida para um determinado tipo de sujeito e sendo ocupada por outro. Alega que:

Equivaleria, pois, a um quadro difuso de instabilidade gerado pela confrontação deste novo sujeito histórico a velhas formas institucionais cristalizadas. Ou seja, denotaria a tentativa de rupturas, pequenas fendas em um edifício secular como é a escola, potencializando assim uma transição institucional, mais cedo ou mais tarde, de um modelo autoritário de conceber e efetivar a tarefa educacional para um modelo menos elitista e conservador (AQUINO, 1996, p.45).

Deste ponto vista o autor comenta que a indisciplina passaria, a ter novos significados e funções para a instituição escolar.

Para Aquino não é possível imaginar saída para a compreensão e o manejo da indisciplina se não abordarmos a questão da relação professor/alunos, nos vínculos do cotidiano e na maneira com que se colocam perante o outro, pois ambos são parceiros do mesmo jogo. Como falamos anteriormente indisciplina é a transgressão das regras, tanto moral que seria construída socialmente, com base em princípios de bem comum, como convencionais definidas por um grupo com objetivos específicos. Um dos problemas está o que fazemos quanto o aluno não apresenta a estrutura moral para o trabalho pedagógico. Por trás deste problema há falta de conhecimento sobre o assunto e falta de adequação das estratégias de ensino. Aquino aborda que:

É muito difícil supor que o aluno não traga esses pré-requisitos em alguma medida. Ao contrário, é mais provável que falte a nós as ferramentas conceituais necessárias para reconhecê-los e, por extensão, presentificá-los na relação (AQUINO, 1996, p.51).

Seguindo o Autor

Mas mesmo se concordássemos com a suspeita de uma carência moral do aluno, haveríamos também de admitir que, através do legado específico do aluno de seu campo de conhecimento, o professor pode criar condições de sedimentação desta infra-estrutura quando se apresenta de maneira ainda fragmentária. Se o professor pautar os parâmetros relacionais no campo de conhecimento, ele certamente será capaz de (re) inventar a moralidade discente (AQUINO, 1996, p.51).

Nesta visão, Aquino aborda que as matérias são moralizadoras, as línguas, ciências, artes e matemática se entendermos que ha moralidade nas ações e operações humanas nas tentativas de ordenação do mundo. Pois o trabalho do conhecimento implica inquietação e desconcerto, a obediência. A questão fundamental está na transformação desta turbulência em ciência desta desordem em nova ordem. Aquino aponta que:

Crianças e jovens, por incrível que pareça , são absolutamente ávidos pelo saber, pelo convite á descoberta, pela ultrapassagem do óbvio, desde que sejam convocados e instigados para tanto. Tudo depende, pois da proposta por meio da qual o conhecimento é formulado e gerenciado nesse microcosmo que é cada sala de aula. Entretanto a tarefa é intrincada, pois pressupõe sempre um recomeço, a cada aula, cada turma, cada semestre (AQUINO, 1996, p.52).

Desta forma o trabalho pedagógico passa ser não só uma transmissão de saberes acumulados pela humanidade, mas também a reinvenção do próprio modo de olhar seu trabalho é preciso reinventar continuamente os conteúdos, metodologias e a relação. O papel do professor é conhecer como se dá a aprendizagem, com base na compreensão, planejar as aulas, além de ter segurança sobre o conteúdo a ser trabalhado. Não há solução fácil, porém é necessário trabalhar como conteúdo de ensino as questões relacionadas à moral e ao convívio social e criar um ambiente de cooperação. Aquino ressalta que:

Esta guinada na compreensão e no manejo disciplinares vai requerer, enfim, uma *conduta dialógica* porparte do educador, pois é ele quem inaugura a intervenção pedagógica. E não há possibilidade de ação docente sem agenciamentos de diferentes tipos, uma vez que não se trata de um trabalho solitário; muito pelo contrário. Em suma, o oficio docente exige a negociação constante, quer com relação às estratégias de ensino ou de avaliação, quer com relação aos objetivos e até mesmo aos conteúdos preconizados – sempre com vistas à flexibilidade das delegações institucionais e das formas relacionais (AQUINO ,1996, p.53).

Para mudar o ponto de vista em relação à indisciplina, é essencial que a escola equilibre as ações, e garanta um ambiente de cooperação em que o valor humano, o respeito a integridade e a dignidade balizem as relações. Essa conquista pode acontecer por meio da formação continuada dos docentes e de toda equipe escolar. Os problemas de comportamento podem ser um jeito das crianças mostrarem que uma regra é desnecessária ou não está funcionando. Em outros casos, elas esperam chamar atenção para que o professor se interesse pelas idéias dela, ou ainda é como se pedissem cuidado e atenção, ou que se demarque o que se deseja delas com o que está sendo realizado.

Entretanto, é preciso ter em mente que os conflitos sempre vão ocorrer não é possível esperar o fim da formação para resolvê-los. Portanto é importante promover uma mudança de olhar em relação à indisciplina estudando conceitos de desenvolvimento moral e ético e a partir das teorias e adotar os conhecimentos necessários ao processo educacional.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa (org).**Indisciplina na escola: alternativas teorias e práticas***.* São Paulo: Summus, 1996.

MACEDO, Lino de. **Competências e Habilidades: elementos de uma reflexão pedagógica.** Disponível em: <http://www.cefetsp.br/edu/eso/competenciashabilidades.htm>. Acesso em: 30 maio 2006.

SILVA, Adelmo Carvalho da. Reflexão sobre a matemática e seu processo de ensino-aprendizagem: implicações na (re)elaboração de concepções e práticas de professores.2009. 232f. Tese de doutorado (Doutorado em Educação) Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Educação. 2009.